
CATEQUESE E CIVILIDADE: COTIDIANO E EDUCAÇÃO RELIGIOSA NO CARIRI PARAIBANO ENTRE 1930 E 1950.

Ms. Paula Faustino Sampaio
Projovem Saberes da Terra – SEEC-PB
Tutora a distância UFPB – Virtual
paulafaustinosampaio@yahoo.com.br

O cotidiano da vida no cariri do Estado da Paraíba, um lugar suscetível às intempéries climáticas, no qual as pessoas sobreviviam do trabalho na agricultura, na pecuária, no comércio e na administração e educação pública, cujas vidas eram pautadas, do nascer ao morrer, pelo discurso da religião Católica. O município de Cabaceiras-PB, territorialmente, compreendia grande extensão da microrregião. Pode-se dizer ainda que trata-se de um lugar longínquo das decantadas cidades, palcos do processo de modernização e do discurso de modernidade, mas que vivenciou o processo de normatização do cotidiano pautado no discurso de civilidade da Igreja Católica.

Neste texto, é nossa intenção compreender as formas de viver o processo de normatização da vida cotidiana dentro da concepção de civilidade defendida pela Igreja Católica na microrregião do cariri do Estado da Paraíba, entre 1930-1950.

Nos encontros catequéticos, aos domingos à tarde, apenas crianças com idade de dez anos preparavam-se para receber o sacramento da comunhão¹. Este sacramento é um juramento de fidelidade por parte do indivíduo em relação à Igreja Católica. Nos povoados, os encontros para formação católica aconteciam nas mesmas casas onde se realizavam as orações no mês de maio, enquanto na vila o ensino do catecismo ocorria no prédio da igreja matriz. Entre os anos de 1944 e 1946, quando o padre João Madruga permaneceu à frente da paróquia, 278 meninas e 159 meninos participaram da celebração da primeira comunhão – ou primeira eucaristia.

Na vila de Cabaceiras, morava Maria do Socorro de Araújo Barros, filha de Maria Ecila e Inácio Nunes de Araújo. Ela, aos dez anos de idade, em 1948, participou da preparação para receber o sacramento da comunhão pela primeira vez. Sobre essa celebração, Maria do Socorro relatou:

Nesse tempo a gente usava uns vestidos compridos de noiva. Manga aqui comprida. Mãe comprou o meu de crepe. Mandou dona Lali de seu Biu Novo fazer. E dona Mocinha, a irmã de Fidelino, uma moça velha que tinha aqui,

fazer as capelas. Aí fez minha capela. Quando no dia da primeira comunhão, era eu, Duda, muita gente. Aí a gente foi fazer a primeira comunhão. Aí fomos pra igreja, não é? Quando a missa terminou, que a gente fez a primeira comunhão, um horror de menino, aí veio um grupo fazer o lanche na casa de dona Zefinha de Esmeraldino. Teve bolo, dona Bezinha enfeitou a mesa cheia de cálice, muito bonita a mesa!ⁱⁱ

A propósito das lembranças acerca da sua primeira comunhão, Maria do Socorro contou sobre o modelo da roupa, sobre o véu, sobre as costureiras, sobre outras pessoas que participaram do ato da primeira eucaristia junto com ela e ainda sobre a comemoração após o ritual católico assistido por toda a comunidade.

O vestido de crepe branco – cor associada à pureza –, longo, com mangas compridas, cintura definida e o véu para a cabeça, usados pelas meninas, assemelhavam-se ao traje de noiva utilizado nos casamentos em Cabaceiras.

Nas cartas do apóstolo Paulo aos coríntios, lê-se: “a mulher deve trazer sobre a cabeça o sinal de sua dependência”.ⁱⁱⁱ Retomando o mito da criação do homem e da mulher por Deus, Paulo tenta justificar a necessidade da mulher usar véu. Para o apóstolo, sendo Jesus Cristo a cabeça da Igreja, o homem era a cabeça da mulher, portanto, esta devia permanecer coberta para não desonrar o homem. Segundo ele, a mulher fora retirada do homem, por isso devia mostrar sua eterna dependência. Deste modo, o véu é sinal de sujeição. O véu também é visto como sinal de virgindade, pois representa o hímen. O véu da noiva é um véu nupcial que apenas o marido deve retirar, assim como deve ser o marido o primeiro a manter relações sexuais com ela. Deste modo, o véu significa pudor, honra, oblação, sacrifício da esposa.^{iv}

De acordo com este modo de ver a mulher, que a inferiorizava, a Igreja impôs o uso do véu. Assim, Maria do Socorro e mais meninas que participaram do ato da primeira comunhão seguiram essa imposição. Elas mostraram por meio da vestimenta a submissão, a honra e a doação para com a Igreja. A celebração desse sacramento reforçava o papel a ser assumido pelas mulheres na sociedade. A elas cabia apenas obedecer à Igreja, ao pai e ao marido.

A menina, na celebração do ato da primeira comunhão, firmava um compromisso de seguir os preceitos da Igreja Católica. Na celebração do matrimônio, a mulher firmava um compromisso indissolúvel com a Igreja Católica e com o homem de cumprir fielmente o sacramento e demais preceitos religiosos. Tanto no ato da

celebração do sacramento da comunhão quanto no do matrimônio, a mulher deveria cobrir-se dos pés à cabeça, passando uma imagem de recato, pureza e submissão.

Era para a celebração do ato da primeira comunhão e para a vida dentro dos preceitos católicos que Bezinha Henriques e Zefinha, na vila de Cabaceiras, na década de 1940, preparavam as crianças. Estas catequistas ensinavam as orações, os dez mandamentos, o modo de participar da missa e os preceitos do catolicismo.

O padre João Fernandes da Silva, em seu discurso de posse em 17 de maio de 1947, afirmou: “[...] a primeira obra da paróquia que julgo ser a catequética, muito se tem feito. O ensino do catecismo é ministrado na matriz, nos grupos escolares da paróquia, nas escolas isoladas, ora pelo vigário, ora pelas catequistas”.^v

No âmbito da política pedagógica deste padre, aos domingos pela manhã devia ocorrer a missa e, à tarde, “o ensino do catecismo às crianças espalhadas pelos sítios”. Desse modo, entendia que a catequese deveria ser estendida ao maior número possível de crianças. Para tal, esperava apoio das catequistas, mulheres com alguma instrução que se dedicavam a catequizar as crianças.

Bezinha – funcionária da Agência Postal Telegráfica desde 1940, irmã do vereador Joaquim Gomes Henriques e casada com Dino Farias Cavalcante – e Zefinha – dona de casa, filha de Esmeraldino Gomes Henriques, funcionário público e vereador –, que possivelmente estavam presente na posse do padre João Fernandes, atenderam ao apelo catequético. Elas e as crianças que participaram da preparação para a primeira comunhão no ano de 1948 estavam empenhadas em cumprir as orientações do referido padre, vigário de Cabaceiras entre os anos de 1947 e 1955.

Este padre estava em sintonia com a política da Cúria Romana. No âmbito da restauração da cristandade na Europa, sobretudo após a Primeira Guerra Mundial, verificou-se um esforço renovado e profundamente estimulado pela encíclica *Acerbo Nimis* do papa Pio X, de que resultaram os catecismos para crianças/adolescentes e para adultos, a formação catequética nos seminários e a estruturação das atividades catequéticas em âmbito nacional, diocesano e local. Com isso, livros catequéticos organizados pelo pontífice foram traduzidos nas principais línguas. O objetivo era revigorar e intensificar os encontros catequéticos preparatórios para a prática da primeira eucaristia.

Na década de 1930, os encontros catequéticos aconteciam aos domingos, ao longo de um ano, como parte da pedagogia católica de educação religiosa para o cumprimento do sacramento da primeira eucaristia e para a formação do cristão católico. As lições baseavam-se no livro *Catecismo*.

Segundo Francisco A. Lourenço Vaz, o catecismo, “livro e ensino das verdades da religião, apesar dos seus antecessores remontarem ao tempo dos primeiros cristãos e época medieval, só a partir do século XVI, assumiu-se como nova pedagogia e meio de cultura das massas.”^{vi} De acordo com a Enciclopédia Popular Católica, dois catecismos foram organizados pelo papa Pio X no começo do século XX, cuja intenção era oferecer visão completa da doutrina cristã. Em seu pontificado, entre 1903 e 1914, denominado de período da restauração da Cristandade, o pontífice reformou a Cúria Romana, fundou o Instituto Bíblico, autorizou a construção de seminários centrais, promulgou leis para melhor disciplinar o clero, instituiu normas relativas à primeira comunhão e à comunhão freqüente, restabeleceu a música sacra, etc.^{vii}

Talvez, tendo em vista essa política da Igreja Católica, um dos catecismos organizados pelo papa Pio X tenha sido utilizado no cotidiano da Igreja Católica em Cabaceiras na primeira metade do século XX.

Nas décadas de 1920 e 1930, Maria da Glória organizava as orações do mês de maio em Carotá de Fora. Nas décadas de 1930 e 1940, Severina Silvina freqüentava as orações com sua família. Com o incentivo do padre, elas assumiram a catequese das crianças. Ambas utilizaram o *Catecismo*. Possivelmente por ser afilhada de Maria da Glória e por substituí-la na função de catequista, Severina Silvina de Barros herdou o livro.^{viii}

Nesse *Catecismo*, há “os dez mandamentos de Deus, os cinco mandamentos da Igreja”; outros preceitos da religião (atos de atrição, de contrição, de fé, de esperança, de caridade, de confissão, sacramentos, virtudes, pecados); e um “resumo da doutrina christã em seis lições: criação, santíssima trindade, doutrina Christã, Jesus Christo, santa cruz, espírito santo” (sic). A fundação da Igreja é tratada em 14 partes, que abordam os seguintes temas: “apóstolos, Igreja Romana, Igrejas, remissão dos peccados, peccado, symbolo apostólico, mandamentos, sacramentos, baptismo, cerimônias do baptismo, confirmação, eucharistia, penitencia, extrema-uncção, da ordem e do matrimonio, oração, virtudes theologaes” (sic).

No livro, há também a indicação do “modo de ajudar a missa no rito romano em latim, explicações das cerimônias da missa”, orações – ao acordar pela manhã, ao se levantar da cama, a Nossa Senhora, ao se levantar da mesa, ao toque da Ave-Maria, ao se recolher à noite, antes de principiar a aula, depois da aula.

A última parte trata sobre “civildade e elementos de civildade” (da igreja, das visitas, da conversação, das companhias, dos encontros e passeios, do andar, da postura do corpo, do vestido e asseio, da mesa, dos superiores, dos iguais, dos inferiores, do deitar e levantar da cama, das cartas, do luto). Contém ainda um anexo com as formas de tratamento em cartas.

De tudo, me interessa especialmente a parte que trata dos “elementos de civildade”. Ao longo das 126 regras de civildade, o comportamento dos indivíduos é norteado pelos princípios do catolicismo. São regras para o comportamento de homens e mulheres em ambientes públicos e privados, sendo algumas direcionadas para o comportamento em público das mulheres e a relação delas com os homens. São normas para civilizar os hábitos de homens e mulheres no âmbito do entendimento de civildade da Igreja Católica.

Entre o final do século XIX e início do século XX, a Igreja Católica, por meio do *Catecismo*, divulgava sua compreensão de civildade, a saber:

o modo de qualquer pessoa se comportar na sociedade para os mais, segundo os princípios da moral e da religião, que são a base da educação do homem. O indivíduo, que se mostra bem educado para com aqueles com quem trata, é sempre estimado e bemquisto de todos; e por isso nada mais essencial para que na sociedade se goze de uma boa opinião do que o cumprimento das regras de civildade. (sic)^{ix}

Por meio do *Catecismo*, crianças com dez anos de idade, nos encontros catequéticos na década de 1940, ouviam também que a

civildade dá-se a conhecer nas palavras, acções e movimentos de qualquer indivíduo. Nas palavras deve mostrar-se o homem modesto, polido e delicado; nas acções humano, caridoso e verdadeiro; nos movimentos, composto, honesto e natural. A civildade nos ordena que sejamos modestos conosco mesmos; humildes com os nossos superiores, affaveis com os nossos iguaes; humano com os nossos inferiores. Estes são igualmente os preceitos da moral christã, que nos manda amar ao próximo como a nós mesmos. (sic)^x

No falar, no agir, no pensar, o indivíduo deveria respeitar os preceitos cristãos e a hierarquia social. A maneira de comportar-se dependia do próprio lugar social e do lugar social do outro. Contudo, ao referendar a hierarquia social, o discurso da Igreja define que nestas relações deve prevalecer a síntese dos dez mandamentos, “amar ao próximo como a nós mesmos”, enquanto sentimento entre os cristãos. O indivíduo deveria agir de acordo com seu lugar social, uma vez que as normas de civilidade ordenavam modéstia consigo mesmo, humildade para com os superiores, afabilidade com os iguais e humanidade com os inferiores. Portanto, a Igreja Católica legitimava a hierarquia social, na tentativa de controlar a sociedade, normatizando o comportamento dentro dos seus preceitos.

Dentro desse conceito de civilidade, o indivíduo se dá a conhecer por meio das palavras, das ações e dos pensamentos. O *Catecismo*, ao elaborar uma definição de civilidade, diz também o modo pelo qual poder-se-á identificar se um indivíduo está ou não de acordo com a definição ideal de civilidade.

Ao estudar as regras do namoro do final do século XIX ao início do XX no Rio de Janeiro, o antropólogo Thales de Azevedo analisa o discurso do *Compêndio de Civilidade Cristã*, de 1880, elaborado pelo bispo do Pará Antonio de Macedo Costa. O bispo preocupava-se em advertir as famílias abastadas contra as mulheres que abusavam das águas-de-cheiro e de perfume, contra os moços com aparência cada vez mais feminizada, contra os homens de modos soberbos, entre outras coisas. Este compêndio e outros analisados pelo antropólogo faziam parte do cotidiano de famílias abastadas no Brasil, no final do século XIX. Segundo o autor, estes compêndios quase sempre eram adquiridos por mulheres.^{xi}

Os “elementos de civilidade” do *Catecismo* utilizado em Cabaceiras, nas décadas de 1930 e 1940, faziam parte, especialmente, do cotidiano religioso de catequistas e de crianças que se preparavam para a primeira comunhão. Entre as preocupações registradas, destacamos “as finezas, as boas maneiras, a etiqueta, o modo de ‘praticar com pessoas’”, tidos como signos de civilidade. Assim, nas conversações,

os mancebos devem ouvir muito e fallar pouco, especialmente achando-se na companhia de pessoas idosas, às quaes se deve prestar toda atenção, quando ellas falarem; Si é uma menina que está fallando com um homem, não deve fitar os olhos no rosto d’elle, nem tão pouco no chão, que signal de affectação. (sic)^{xii}

Nos preceitos acerca do comportamento, recomenda-se que um casal deve dialogar o mínimo possível e prestar atenção aos idosos. Os idosos teriam algo instrutivo a dizer e passariam, por meio das suas palavras, as experiências de toda uma vida, devendo os jovens ouvir para aprender. Assim, se a mulher aparece submissa ao homem, o casal de jovens aparece submisso aos idosos.

Nessas regras de civilidade, a atenção da Igreja volta-se para as relações entre homem e mulher e entre jovens e idosos. Ao longo do século XIX, no Brasil, a pretensão à igualdade entre os sexos era algo distante. Já na primeira metade do XX, passou a ser bandeira de luta do movimento feminista, ridicularizado na imprensa conservadora, que não aceitava a participação das mulheres no trabalho fora do lar, na política ou mesmo a iniciativa feminina nas relações afetivas. Tanto no século XIX quanto no começo do século XX, a relação de igualdade dava-se entre pessoas do mesmo sexo, da mesma condição social e da mesma faixa etária. Neste sentido, o discurso do *Catecismo* reforça a inferioridade da mulher em relação ao homem e dos jovens em relação aos adultos e idosos.

A normatização prescrita no *Catecismo* ampliava-se até ao modo de olhar. Ao “fitar os olhos no rosto d’ele”, a mulher poderia sugerir uma relação de igualdade entre os sexos que não era aceita pela Igreja Católica. Na relação de dominação do homem sobre a mulher, esta podia apenas cruzar seu olhar com o do homem. Para a historiadora Mary Del Priori, “um olhar feminino livre seria percebido como um olhar obsceno, lúbrico.”^{xiii} Este olhar era entendido também como falta de recato, de decência e de inocência.

Acerca do modo de olhar e de namorar, Maria Santos, a mesma que cantava nas orações do mês de maio nas décadas de 1930 e 1940, relata:

O povo também era namoro de jacaré. Só de vista. Namorava a quantidade que quisesse. Era muito, era muito. Só olhando. Ninguém tinha esse negócio de sair com aquele rapaz. Começou as moças sair com os namorados em 1940, que eu saí com Severino e duas moças da Ribeira. Tudo tão acanhada, tão matuto, uma vergonha. Tinha vergonha demais... Só assim um passeiozinho. Eles ficaram sentados na calçada de seu Chico Estevão, nós ficávamos naquele passeio, só assim. Ficava olhando a festa, não é? Os namorados, minha filha, tive diversos namorados, mas assim como diz... só em festa. Como diz o ditado, um namoro passageiro.^{xiv}

O antropólogo Thales de Azevedo, em seu estudo citado sobre as regras do namoro no Rio de Janeiro, traz uma definição elaborada pelo cronista João do Rio para flerte: “o flerte é uma espécie de conquista amorosa sem amor, desejo de inspirar o amor, sem sentir. É um jogo, muitas vezes de invenção e iniciativa das mulheres, que se pratica, diz o cronista, nas grandes cidades e nas pequenas vilas de todo o mundo.”^{xv}

A troca de algumas piscadas de pálpebras e, quem sabe, um sorriso discreto indicavam para Maria Santos e mais moças o começo de uma relação afetiva, ou apenas um namoro passageiro, um tipo de namoro que durava o tempo de uma festa.

Deste modo, podemos observar a diferença entre namoros passageiros nas festas e os namoros fixos em casa. Os namoros passageiros ou a troca de olhares durante uma festa não eram do conhecimento dos pais. Já a ida do rapaz à casa da moça dependia das “boas intenções do rapaz”, leia-se, da intenção de noivado e de casamento. É possível também que nem sempre uma jovem estivesse interessada em manter relações com fins de casamento.

Segundo Norbert Elias, no século XIX os tratados de civilidade buscavam inculcar sentimentos de vergonha, medo, culpa, a exemplo da obra intitulada *A educação das meninas*, de Von Raumer (1857), inspirada no tratado *De civiliate morum puerilium*, de Erasmos (1530). Ensinava-se a olhar, a sentar, a cumprimentar, a estar à mesa, a controlar as emoções, etc. Também havia uma série de normas acerca do comportamento em cultos religiosos.^{xvi}

A Igreja Católica, na sociedade burguesa do século XIX, impôs o comportamento visto como civilizado, reforçando as relações hierárquicas entre adultos e jovens e, provavelmente, entre homens e mulheres, pais e filhos, ricos e pobres. A Igreja fazia parecer natural o comportamento que na prática era imposto.^{xvii}

Desde o século XIX, tendo em vista as mudanças de atitudes nas relações entre os sexos, a Igreja Católica investia discursivamente na normatização das relações afetivas, que deviam se fundamentar nos valores de recato, de contenção dos desejos e de culpa. Mesmo com tanto investimento, em Cabaceiras, nas décadas de 1930 e 1940, algumas mulheres vivenciaram namoros que não se enquadravam totalmente no que era imposto pela religião.

O ato de uma mulher olhar para um rapaz nem sempre era percebido como falta de recato, ou, por outro lado, como inversão dos papéis de homem e de mulher. Filomena, Inácia Madureira e Maria Santos em algumas ocasiões reinventaram algumas normas, tirando proveito de curta duração. Na maior parte das vezes, porém, elas seguiam os preceitos do catolicismo.

Na praça, durante o pavilhão da festa de Nossa Senhora da Conceição, no dia 08 de dezembro, Maria Santos, seu namorado Severino e duas amigas que moravam no povoado de Ribeiras passeavam enquanto ouviam a orquestra. Enquanto isso, os pais vigiavam da calçada os passos da filha. Mesmo sendo uma prática estabelecida e controlada pela Igreja, não era comum na vida de Maria Santos e de outras moças de Cabaceiras em 1940.

Nas cidades que passaram por reformas urbanas na primeira metade do século XX, praças amplas, arborizadas, com bancos, eram destaque^{xviii}. Nessas praças era prática fazer o *footing*, passeio entre amigas, amigos ou casais de namorado, sob olhos vigilantes de pais e demais praticantes deste lazer da cidade.

Nesses passeios, fossem nas cidades urbanizadas ou nas pequenas vilas interioranas, cabia seguir as normas de cavalheirismo. Severino estava a par destas normas e buscava cumpri-las. Segundo o *Catecismo* da Igreja Católica, era obrigação do homem oferecer o braço e deixar sempre a mulher do lado da parede, pois deste modo proporcionar-lhe-ia proteção:

[ao acompanhar] uma senhora, devemos offerecer-lhe o braço e o melhor lugar que é o da parede, sendo em rua onde haja passeio. Sendo duas senhoras, daremos a cada uma seu braço, indo nós no meio. Subindo escada, o cavalheiro que acompanhar uma senhora deve subir primeiro; descendo, descer depois d'ella. (sic)^{xix}

Ao homem era conferido o papel de protetor, de executor das regras de civilidade e de comedimento em relação às mulheres. Especificamente nestas regras, as formas de comportamento de uma mulher aparecem em função do modo de estar dos homens. Para todos os movimentos do corpo, a Igreja Católica tinha uma regra de civilidade. A maneira dos homens e das mulheres de passear, de subir escadas, etc, passou por um processo de normatização que definia o papel de cada gênero. Nessa

relação, o homem era visto como ser forte, condutor da ação e protetor; a mulher, como ser frágil, necessitando de proteção.

O tom de voz e os assuntos em via pública deveriam ser amenos. Durante um passeio, “encontrando-se duas pessoas na rua devem evitar questões, ou cousa que motive fallar alto” (sic).^{xx} Numa reunião em casa, num baile ou na rua os indivíduos deveriam conter-se ao falar sobre assuntos polêmicos, contendas pessoais ou qualquer questão motivadora de tensão.

No ato de falar, o indivíduo devia prestar atenção ao tom de voz, às pessoas presentes, aos movimentos do próprio corpo, em pé ou sentado. Os elementos de civilidade diziam como não devia se comportar um indivíduo numa conversa e indicava o modo civilizado de dialogar. Nas conversações, o indivíduo prezaria pela discrição e contenção do corpo e da fala. Todo um modo de se relacionar é estabelecido no *Catecismo* da Igreja Católica, para dizer se um indivíduo é ou não civilizado.

A conduta dos indivíduos era disciplinada para atender aos valores de contenção, de discrição, de negação das próprias idéias. Esse conjunto de normas indica que a Igreja Católica, de acordo com seu entendimento de civilidade, tinha um projeto pedagógico para disciplinar e controlar a convivência cotidiana, tornando as pessoas dóceis. Assim, nos encontros de catequese, por meio do livro de catecismo, buscou-se disciplinar as relações sociais, especialmente as relações sexuais. O modo de se vestir, de olhar, de conversar, de andar, enfim, todo o comportamento dos homens e das mulheres era imposto dentro dos valores de submissão, de compostura, de fidelidade, de negação dos desejos e das idéias.

Deste modo, ao enveredar pelo universo cotidiano no interior da Paraíba, tendo como fonte de pesquisa um conjunto documental formado por relatos orais de memória, hinos e catecismos, identificamos algumas práticas educativas, religiosas e sociais, que permitem compreender a difusão do discurso da Igreja Católica no cariri paraibano, entre as décadas de 1930 e 1950, bem como, mapear e analisar algumas vivências de pessoas que se constituíram como homens e mulheres no âmbito do discurso proibitivo dos pensamentos, das vontades e dos desejos dissonantes dos preceitos estabelecidos como verdade para aquela sociedade.

- ⁱ Além do sacramento da primeira eucaristia ou primeira comunhão, instituído pelo Concílio de Trento, no século XVI, a Igreja Católica tem mais seis sacramentos: batismo, confissão, confirmação do batismo ou crisma, ordem, matrimônio e unção aos enfermos.
- ⁱⁱ Cf. Entrevista n. 24. Maria do Socorro Araújo Barros nasceu em Cabaceiras, PB, em 20.07. 1941. Foi entrevistada em 15.08.2003, quando tinha 62 anos de idade. Reside em Cabaceiras, Praça General José Pessoa.
- ⁱⁱⁱ BÍBLIA sagrada. 1998.
- ^{iv} Cf. PERROT, Michelle. 2007. .
- ^v LIVRO de tombo da paróquia Nossa Senhora da Conceição, op. cit., p. 8.
- ^{vi} Cf.: VAZ, Francisco A. Lourenço. 1998.p. 217.
- ^{vii} Cf. ENCICLOPÉDIA católica popular.
- ^{viii} O catecismo encontra-se sem a capa e a contracapa, o que dificulta a identificação. No entanto, por ter sido utilizado nos encontros catequéticos na primeira metade do século XX, enquanto livro da doutrina cristã católica, é importante para nosso estudo analisá-lo.
- ^{ix} CATECISMO, p. 78.
- ^x Ibid., loc. cit.
- ^{xi} Cf. AZEVEDO, Thales. 1986.
- ^{xii} CATECISMO, p. 83.
- ^{xiii} DEL PRIORI, Mary.2006. p. 120.
- ^{xiv} Entrevista n. 15. Maria Santos de Oliveira nasceu em Cabaceiras, PB, em 29.11.1917. Foi entrevistada em 22.06.2003, quando tinha 85 anos de idade. Reside em Cabaceiras, na rua Quatro de Junho .
- ^{xv} AZEVEDO,1986, p. 24.
- ^{xvi} Cf. ELIAS, Norbert. 1994.
- ^{xvii} Cf. MANOEL, Ivan Aparecido. 2008.
- ^{xviii} Cf. REZENDE, Antonio Paulo. 1997. CHALHOUB, Sidney. 2001.
- ^{xix} CATECISMO, p. 88.
- ^{xx} Ibid., p. 89.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, Thales. **Regras do namoro à antiga: aproximações socioculturais**. São Paulo: Ática, 1986.

BÍBLIA sagrada. Edição pastoral. 25. impr. São Paulo: Paulus, 1998. p. 1.471.

CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, lar e botequim**. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2001. 367 p

DEL PRIORI, Mary. **História do amor no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006. p. 120.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador: uma história dos costumes**. Trad. Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994. v. 1.

ENCICLOPÉDIA católica popular. Disponível em: <www.ecclesia.pt.catholicopedia>. Acesso em: 2 mar. 2008.

MANOEL, Ivan Aparecido. **Igreja e educação feminina (1859-1919): uma face do conservadorismo**. 2. ed. Maringá: Eduem, 2008. 148 p.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres.** Trad. Ângela M. S. Côrrea. São Paulo: Contexto, 2007. 287 p.

REZENDE, Antonio Paulo. **(Des)Encantos modernos:** histórias da cidade do Recife na década de vinte, século XX. Recife: FUNDARPE, 1997.

VAZ, Francisco A. Lourenço. O Catecismo no discurso da ilustração portuguesa do século XVIII. **Cultura, Revista de História e Teoria das Idéias**, Lisboa, v. 10, p. 217-240, 1998.p. 217.